

PREFÁCIO

O CHATGPT ESTÁ NOS TORNANDO ESTÚPIDOS?

DOI: 10.29327/5798915.1-1

É mesmo um desafio escrever um prefácio para este *Perspectivas Éticas para a IA: dilemas e desafios*. Além da diversidade de autores e capítulos, não é tarefa de pouca monta apresentar reflexões que tentam decifrar o presente. É ainda mais quando as mudanças do presente são rápidas e profundas. Por isso, assim como o próprio livro, seu prólogo só pode ser um convite à reflexão. Dada a amplitude do tema, o que buscamos fazer aqui é apenas esboçar algumas linhas mestras para que cada leitor ou leitora possa, a partir disso, alinhar as próprias inferências suscitadas pela leitura.

Temos de reconhecer: os desenvolvimentos da tecnologia conhecida como Inteligência Artificial generativa (IA, daqui em diante) ainda não dão sinais de esgotamento. De fato, o “boom da IA”, se essa expressão for correta, trouxe consequências consideradas inéditas na história, ao menos até o ponto em que é possível julgar no calor do momento. Da inédita acessibilidade da tecnologia – praticamente qualquer pessoa com acesso à internet, hoje, já interage com complexos modelos de linguagem, conscientemente ou não – aos imensos impactos econômicos e sociais, a IA tornou-se praticamente onipresente na vida social, permeando toda a cadeia produtiva, da gestão da rede de abastecimento à detecção de fraudes no sistema financeiro, sem falar no impacto sobre os empregos e a necessidade de regulamentação jurídica para a privacidade e segurança dos usuários. Não por menos, sentimos que o futuro pertence à IA.

E se é assim, mais importante do que saber o que faremos com a IA, é refletir criticamente – sem medo, mas tampouco com ingenuidade – sobre o que a IA pode fazer conosco. Pois é bem verdade que não podemos aceitar tecnologias simplesmente por serem inovadoras, o que só aumenta a nossa responsabilidade política e social. Essa é a

questão central deste livro, em torno da qual gravitam todas as reflexões aqui publicadas.

Um dos riscos que têm sido apontados com o uso crescente da IA é a atrofia da cognição humana. A IA nos desincumbe do aprendizado e do exercício de diversas atividades mentais que passam a ser exercidas por algoritmos automáticos. A presença desses algoritmos tem aumentado desde a invenção dos LLMs ou *Large Language Models*, como o ChatGPT. Há um temor de que essa atrofia se manifeste de forma acentuada nas próximas gerações, que perderiam a capacidade de aprender e criar, sobretudo na área da linguagem. Uma padronização crescente da comunicação é um sintoma dessa tendência. Obras como *A Guerra das Inteligências na era do ChatGPT*, de Alexandre (2024), têm, progressivamente, apontado para esse problema.

O paradoxo desta situação é que, se projetada para as próximas gerações, ela terá como consequência uma incapacidade crescente de programar máquinas superinteligentes. Como no mito do Ouroboros, a IA devoraria sua própria cauda.

No entanto, essa afirmação deve ser nuançada. Por acaso as crianças perderam sua capacidade de aprender aritmética por causa do uso de calculadoras? Uma calculadora é bem diferente do cérebro de uma criança. Se ambos resolvem problemas aritméticos, fazem-no por caminhos muito diferentes. Podemos, então, distinguir entre inteligência natural e inteligência artificial ou maquínica. Professores de filosofia imediatamente se lembrarão da dicotomia instaurada pela filosofia moderna entre a natureza e a cultura, e o quanto a contemporaneidade se esforçou para superar a rigidez desse dualismo. Então, se já é uma realidade a existência de máquinas inteligentes que se autorregulam, em certa medida e para certas tarefas, algo que até bem pouco tempo atrás era considerado uma capacidade exclusivamente humana, ou ao menos orgânica (na falta de termo melhor), não é de estranhar a proliferação de discursos sensacionalistas sobre as capacidades da IA e o espanto do público em geral com as novidades tecnológicas. Se estava certo Aristóteles e o espanto é mesmo o estado que leva à filosofia, teremos ainda muito a filosofar.

A distinção mencionada entre o natural e o artificial, por mais esquemática que seja, fornece um caminho para pensar a questão que enunciamos. A IA não entrará, necessariamente, em decadência num futuro próximo por causa de nossa incapacidade de programar máquinas complexas. Num futuro próximo, parece bastante seguro afirmar que ela não precisará mais incluir seres humanos na produção de algoritmos inteligentes. As máquinas superinteligentes serão capazes de se autoprogramar. A crescente autonomia das máquinas, sua capacidade de autoprogramação e as possibilidades abertas pelo aprendizado profundo estão eliminando, progressivamente, a participação de seres humanos numa escalada planetária da inteligência. Isso responde à dúvida acerca de quem ou o que programará máquinas superinteligentes no futuro. Essa será uma tarefa para a inteligência maquínica e não para a inteligência natural.

Os maiores entusiastas dessa visão são os transhumanistas. Alguns deles, especialmente Ray Kurzweil (2024), defendem o advento da singularidade, no qual as máquinas serão capazes de produzir outras máquinas, levando a uma explosão de inteligência. Nesse processo, os humanos serão marginalizados e a inteligência progredirá sem eles. A inteligência maquínica se tornará totalmente independente da inteligência natural. Podemos, neste caso, falar de uma bifurcação entre inteligência natural e inteligência artificial.

Não há muitos argumentos para acreditarmos na singularidade a não ser a observação de tendências presentes. Os resultados têm sido promissores, mas sabemos que nem sempre os raciocínios indutivos são corretos. Cabral temia navegar abaixo do Equador, pois projetava que o calor aumentaria tanto que incendiaria suas embarcações. Como raciocínio indutivo, a hipótese de Cabral estava certa, mas sua conclusão era falsa. Já o filósofo estadunidense Daniel Dennett, recentemente falecido, afirmou que a singularidade não passaria de uma lenda urbana (Dennett, 2015). Uma história linear, sem catástrofes, é o pressuposto não demonstrado dos transhumanistas.

É possível afirmar que há um erro categorial nas discussões sobre o futuro da inteligência. As superinteligências, ou inteligências artificiais, não estão ligadas a objetivos e recompensas como ocorre com a inteligência natural. Deep Blue não se sentiu satisfeito por ter conseguido derrotar Kasparov numa partida de xadrez decisiva. Tampouco a máquina que derrotou Lee Sedol, o campeão mundial de Go, se sentiu feliz. Esses exemplos indicam que a inteligência natural nunca mais alcançará uma superinteligência que ela tenha produzido. A inteligência maquina, por sua vez, precisará cada vez menos da inteligência humana para evoluir.

O temor de que nos tenhamos tornado incapazes de produzir tecnologia é infundado, pois estamos usando a palavra inteligência para nos referirmos a fenômenos diferentes: de um lado, a inteligência natural, ligada a desejos, objetivos e satisfação, e, de outro, as inteligências artificiais que podem progredir independentemente desses fatores. Uma inteligência se torna artificial quando não precisa mais da mente humana para se desenvolver e ultrapassa a mimetização das operações cognitivas do homem. O desafio, daqui para a frente, será alinhar esses dois tipos de inteligência nas nossas sociedades, tendo como pressuposto evitar essa confusão categorial. Políticas tecnológicas mostram-se cada vez mais necessárias num mundo em que as nossas máquinas já exibem suficiente autonomia para não nos considerarmos capazes de controlá-las.

Resta saber se é possível sustentar que o ChatGPT não inibe o raciocínio crítico. Supomos que, ao contrário, ele pode levar à sua expansão, ao auxiliar as técnicas de redação. É preciso saber se os sequenciamentos de palavras que ele oferece inibem o pensamento ou se servem como estímulo para a criação, na medida em que incitam o reconhecimento de novas possibilidades na escrita. Como neste caso não se trata de simular operações matemáticas ou aritméticas, o ChatGPT pode funcionar como produtor de associações livres ao estimular a memória e, com ela, a criatividade. Mas esta é uma visão polêmica do ChatGPT e, por isso, sujeita a muitos ataques.

É possível que tudo o que tenhamos afirmado até aqui se baseie em falsas imagens e pressupostos que temos acerca de nós mesmos. Como assinalou George Orwell, cada geração se imagina mais inteligente do que a que a precedeu e mais sábia do que a que vem depois dela. Isso é uma ilusão, e deve-se reconhecê-la. Temos de manter nossa própria visão de mundo, mesmo ao preço de ela parecer antiquada, pois essa visão de mundo brota de experiências que a geração mais jovem não teve. É fundamental, portanto, resistirmos à equivocada ideia de que a transmissão da experiência social pode ser automatizada. De fato, o conhecimento é uma construção coletiva e não necessariamente obedece à lógica do consumo de mercadorias. Mesmo que no mundo atual as pessoas se relacionem em massa com ciência e tecnologia comprando produtos – e os LLM’s são produtos desenvolvidos por grandes empresas capitalistas, não podemos esquecer – essa relação não é necessária e há quem defenda que sequer é desejável.

Seja como for, é um fato social que a imensa maioria da população identifique invenção e descoberta científico-tecnológica com inovação produtiva. Talvez isso explique certos tipos de saudosismo ou de aversão à tecnologia, comumente ligados à sensação de uma certa queda na qualidade de nossos utensílios tecnológicos, atribuída a uma decadência da qualidade do trabalho. Mas isso pouco tem que ver com a IA. Tal sensação reflete, sim, o desinteresse econômico em investir em itens tecnológicos cuja produção já se encontra consolidada e que frequentemente é realizada por proletariados remotos que oferecem trabalho barato. Daí uma percepção difusa de que geladeiras, máquinas de lavar, computadores e outros itens de tecnologia básica vêm piorando. É equivocado atribuir esse fenômeno à IA ou a possíveis desgastes intergeracionais.

Evidentemente, se recordarmos o que dizia Marx sobre o objetivo do desenvolvimento da maquinaria como forma de organização produtiva, é inegável que a IA atualiza o sonho capitalista de automação completa da produção, possibilitando um controle muito maior sobre o trabalho humano,

o único capaz, na teoria marxista, de gerar valor novo. E realmente podemos identificar na reconfiguração do trabalho muito mais do que uma tendência, antes, uma realidade inescapável: ao mesmo tempo que a IA parece reatualizar certos aspectos já descritos por Marx, como a intensificação do trabalho e o aumento do número de desempregados e excluídos do mercado, ela também mostra seus limites quando certas habilidades específicas e que não podem ser mecanizadas passam a ser valorizadas. Os limites para a automação são dados pelo conhecimento humano acumulado por eras de tentativa e erro. Como uma máquina poderia ensinar alguém a nadar ou andar de bicicleta? Pode uma máquina aprender a reconhecer odores e sabores? Ou ainda, como ensinar uma máquina a relacionar certos odores e sabores a experiências de prazer ou de dor?

Não ousamos oferecer respostas a tais questionamentos. Se aqui os registramos, é para dar a público um gosto do que é possível encontrar neste livro e, assim, reiterar o convite à reflexão. Esperamos que a leitura dos capítulos seja um convite, melhor dizendo, à imaginação viva, pela qual consigamos sonhar com um mundo no qual a inteligência se estenda a caminhos mais criativos, mais diversos e mais justos do que os que nos trouxeram até aqui. Afinal, se criamos até máquinas que aprendem, por que nos recusaríamos a aprender com as nossas próprias criações?

João de Fernandes Teixeira e Cassiano Terra Rodrigues

REFERÊNCIAS

- ALEXANDRE, Laurent. *A Guerra das Inteligências na era do ChatGPT*. Trad. Idalina Lopes. 1ª ed. Barueri, SP: Amarylis, 2024. (publicado originalmente em 2023).
- DENNETT, Daniel. The Singularity – an Urban Legend? In: *Edge.org*, seção “Annual question”, 2015. Disponível em: <https://www.edge.org/response-detail/26035>. Acesso em 24/01/2026.
- KURZWEIL, Ray. *A Singularidade está mais próxima: A fusão do ser humano com o poder da Inteligência Artificial*. Trad. Renato Marques. São Paulo: Goya, 2024.